

E o porcentual pode aumentar mais 10% com as novas áreas para quilombolas, povos indígenas e conservação prioritária para biodiversidade. Restarão apenas 23% para agricultura e pecuária.

Os principais itens da proposta do MAPA para mudança do Código Florestal são: somar Áreas de Proteção Permanente (APPs) com as de Reserva Legal; recomposição da RL: usar espécies arbóreas econômicas e nativas; possibilidade de compensação da RL fora da bacia hidrográfica ou do estado; permitir a continuidade das atividades agropecuárias em APPs consolidadas; aumentar o prazo previsto para a compensação da RL iniciando a contagem na publicação da lei; o uso das APPs deve ser atribuição dos estados por meio dos Conselhos e ou Secretarias Estaduais do Meio Ambiente, baseado na orientação dos Zoneamentos Ecológicos Econômicos; desmatamento zero no Bioma Amazônico; e flexibilização da legislação aos pequenos produtores, que não têm condições financeiras de se adequarem às normas de compensação ambiental.

O fato é que o Brasil detém 33% das florestas originais do mundo, enquanto, a Europa só tem 0,3%.

O ministro revelou também que o Brasil pode se tornar autosuficiente em fertilizantes em dez anos. Atualmente, a agricultura importa, em média, 73% dos fertilizantes que consome. Para mudar a dependência, é preciso explorar as jazidas e os depósitos que tem, mas, que se encontram inutilizados. Essas áreas estão localizadas, principalmente, nos estados de Sergipe e do Amazonas.

Stephanes adiantou, ainda, que a partir de janeiro de 2010, o abate de bovinos nas regiões adjacentes da Floresta Amazônica será monitorado por satélite. Assim, todo o gado que vai para os frigoríficos terá obrigatoriamente de sair de propriedade georreferenciada e ser registrado em uma guia eletrônica de trânsito. Com isso, os fiscais do Ministério da Agricultura nos frigoríficos poderão saber se o animal veio de uma propriedade que cumpre a lei ambiental. ■

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

Opinião

Tecnologia a baixo custo



João Sampaio*

OS SUCESSIVOS recortes de produção agrícola e de saldos positivos da balança comercial do agronegócio são motivos de comemorações e elogios à eficiência da agricultura brasileira. Simultaneamente, sempre há preocupação com o aumento dos custos para assegurar a rentabilidade do grão dentro das propriedades, para então adquirir competitividade no mercado.

Até certo ponto, a rentabilidade por hectare dentro das propriedades foi alcançada graças à pesquisa agropecuária, o que fez com que o Cerrado brasileiro proporcionasse ao Brasil o título de maior produtor de soja do mundo. A tecnologia das variedades e a abundância de recursos naturais garantiram nossa supremacia. Como construímos uma agricultura competitiva, porém dependente de recursos minerais e industrializados, muitos dos quais importamos, a conta ainda não fechou.

Produzir com tecnologia barata é o grande desafio do agronegócio brasileiro. Recentemente, estive na Agritech 2009 – Exibição Internacional de Tecnologia Agrícola, que acontece em Tel Aviv, capital de Israel, há 17 anos. Lá, a tecnologia barata está em desenvolvimento, numa cooperação e interação entre cientistas, extensionistas, agricultores e agroindústria.

A agricultura de Israel é caracterizada pelo sistema intensivo de produção, que

nasce da necessidade de superar a escassez de recursos naturais, particularmente água. A área total deles é de 22 mil quilômetros quadrados, sendo que 4.400 são considerados aráveis, e as estufas ocupam 11 mil hectares. Para se ter uma idéia, São Paulo, no último censo agropecuário, totaliza a mesma área para a cultura de alface. São dois países e duas grandezas diferentes.

Visitei uma estufa de 15 hectares, na qual se usa irrigação e pesquisa com biologia molecular para produção de sementes de olerícolas destinadas à exportação, que faturou no último ano US\$ 35 milhões. É impressionante, é tecnologia aplicada. E mais, é a capacidade de gerá-la a baixo custo. A pesquisa biológica e não a química é base para o seu desenvolvimento.

Os tratamentos de pós-colheita são outro nicho de estudo naquele país. A proximidade com a Europa é uma vantagem e um desafio. Flores e frutas chegam rápido, mas custam até US\$ 900 a tonelada por avião. Ao embarcar nos navios, alcançam o destino em até quatro dias e com custo de US\$ 300 a tonelada. Mas e a qualidade do produto? Depois de colhidos, eles são submetidos a mais tecnologia do que aquela envolvida na sua própria produção. As frutas frescas e as flores alcançam as gôndolas dos supermercados europeus em perfeito estado ao cruzar o Mar Mediterrâneo, trazendo maior renda ao produtor. A *packing house* é muito mais que um climatizador e um embalador, é uma nova estufa de produção com tratamentos sofisticados de pós-colheita.

Outra característica marcante é que não há um sistema nacional de rastreabilidade dos produtos agrícolas. A exigência é de certificação total do processo produtivo do determinado produto em negociação, que é fielmente cumprido pelo seu vendedor. A qualidade é garantida pela certificação.

Como disse anteriormente, são duas agriculturas distintas, mas o conceito pode ser adotado, e alguns exemplos e ações podem e devem ser copiados. ■

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo